

**AIDS, ESCRITA DA AIDS E A CONTÍSTICA DE CAIO FERNANDO ABREU:
NOTAS INTRODUTÓRIAS**

Ramon de Santana Borges de Amorim¹

Resumo: O trabalho apresentado busca discutir, de forma introdutória, a escrita da AIDS na contística do autor gaúcho Caio Fernando Abreu. Como aporte teórico são utilizados textos de Susan Sontag, Marcelo Secron Bessa, João Silvério Trevisan, entre outros. Serão analisados contos dos livros *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso* (Linda, uma história horrível e Os sapatinhos vermelhos) e *Ovelhas Negras* (Noites de Santa Teresa e Depois de agosto). Como não se pode falar sobre escrita da AIDS sem falar do período de surgimento da doença e de seus desdobramentos na sociedade, essa problemática ganha importância no trabalho e na discussão sobre os comportamentos sexuais nas décadas de 1980 e 1990.

Palavras-chave: AIDS, Escrita da AIDS, Caio Fernando Abreu, Contística.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Buscando discutir a representação da AIDS na literatura de Caio Fernando Abreu, faz-se necessário, inicialmente, tentar entender, mesmo que de forma superficial, como a doença funciona (biologicamente) e como ela foi encarada pela sociedade no período de seu aparecimento e catalogação. É preciso, também, saber qual a sintomatologia da doença, visto que, como será visto, a sua representação na literatura acontece a partir dessa chave, ficando as referências diretas às siglas AIDS e HIV pouco aparente nas narrativas analisadas.

Em paralelo à epidemia da AIDS, surgiu o que é conhecido como epidemia discursiva sobre a doença. Houve o aparecimento imediato de textos sobre AIDS, a maioria com informações precipitadas e inverídicas, que buscavam chamar a atenção do público para o qual se dirigia, sem se preocupar com os efeitos que isso poderia causar.

Sabe-se que a sociedade encarou a AIDS, a princípio, como uma doença exclusiva da comunidade LGBTT, principalmente dos homens gay. Os discursos médicos e midiáticos corroboraram com essa recepção e, a partir daí, a alcunha de

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.
E-mail: letrasra@hotmail.com

“peste gay” ou “câncer gay” foi amplamente divulgada. Por causa dessa concepção equivocada da AIDS, atrelada ao preconceito latente contra homossexuais, esse grupo passou a sofrer uma série de investidas violentas, tanto físicas, quanto simbólicas.

Caio Fernando Abreu foi o primeiro autor brasileiro a fazer referência a AIDS nas suas narrativas, o que não quer dizer que a doença apareça nos seus textos de forma tão evidente. O autor é econômico em relação à nomeação da doença na sua obra, ele opta por “mostrar” que algum personagem está infectado por HIV a partir da sintomatologia.

Diferentemente de outros autores que tematizam a AIDS em suas narrativas, o autor gaúcho se diferencia dos outros pelo tratamento estético que ele mostra nas suas narrativas, buscando com isso fugir do apelo autobiográfico de muitas narrativas do período de aparecimento da AIDS, assim como do tom panfletário que uma literatura reativa pode apresentar.

I

A AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é uma doença infectocontagiosa causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (Human Immunodeficiency Virus), doravante HIV. A doença foi reconhecida no ano de 1981 nos EUA, a partir da identificação de grande número de pacientes adultos do sexo masculino, homossexuais e moradores da Califórnia, que apresentavam sintomas comuns: febre, emagrecimento, desordem no sistema imunológico, aparecimento de tumor maligno do endotélio linfático, entre outros.

Néstor Perlongher destaca o momento em que a AIDS chamou a atenção das autoridades médicas norte-americanas pela recorrência no aparecimento de casos.

Entre outubro de 1980 e maio de 1981 detectou-se no Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos um aumento inexplicável na incidência de sarcoma de Kaposi e de pneumonia provocada pelo protozoário *Pneumocystis Carinii* em homossexuais masculinos adultos, até então saudáveis, dos estados americanos de Nova Iorque e Califórnia. (PERLONGHER, 1987, p. 38-39)

O período em que ocorreu o surgimento da AIDS como epidemia foi também marcado pelos desdobramentos dos movimentos de contracultura que pregavam maior autonomia sexual e desafiavam os padrões tradicionais de comportamento estabelecidos

até aquele momento. Esses movimentos tiveram origem, principalmente, na década de 1960 e entre eles se destacam a revolução feminina, o movimento *hippie* e a *batalha de Stonewall*. A tônica daquele momento era baseada, em grande parte, nos comportamentos sexualmente libertários e, com o aparecimento da doença, eles tenderam ao refreamento.

No Brasil, em 1983, foi diagnosticada a primeira morte, que teve como causa² a AIDS; João Silvério Trevisan, porém, afirma que se descobriu logo depois que a doença começara a fazer vítimas brasileiras desde 1982, pelo menos, porém os óbitos não tinham sido relacionados à AIDS (TREVISAN, 1986). A primeira vítima oficial da doença, no Brasil, foi o estilista Markito (Marcus Vinícius Resende Gonçalves), de 31 anos. A partir daí instalou-se o pânico no meio homossexual brasileiro. Por ser figura de relativa fama, a história ganhou as páginas dos principais jornais e a imprensa passou a fazer uma série de especulações tanto sobre o caso do estilista, quanto sobre outros casos similares.

Menos de dois anos depois do primeiro caso oficial, a AIDS adquire *status* de epidemia, sendo registrado um novo caso por dia no país e uma média de quatro mortes por semana em decorrência da doença. Em 1985, o Brasil assume o título de “4º país do mundo com maior número de doentes de AIDS” (TREVISAN, 1986, p. 252). Como os primeiros registros da doença apareceram em homossexuais, a mídia tratou de impor à doença a alcunha de “peste gay” ou “câncer gay” e a sociedade, baseada na falta de informações, abraçou os termos e, ainda acreditou erroneamente que ser homossexual era estar em um grupo de risco. Assim, a população LGBT passou a sofrer ataques vindos de diferentes partes da sociedade: médicos, políticos, personalidades públicas e “intelectuais”. João Silvério Trevisan destaca alguns ataques públicos, mostrando que

Há, na área da medicina e afins, teorias que enfatizam o lado escabroso da doença. Márcio Bontempo, médico naturalista, acha que a AIDS é menos uma patologia infecciosa e mais uma doença de autodestruição. O sexólogo Wilson Ribeiro, da Sociedade Brasileira de Psicanálise Dinâmica, acredita que se trata aí apenas do resultado de uma disfunção da sexualidade, ou seja, a doença enquanto resultado de “uma deformação, de uma perversão”. Durante o XIX Congresso Brasileiro de Patologia Clínica, realizado em agosto de 1985, o médico João Lélío Mattos Filho (...) apresentou tese de doutoramento onde prova [?] que os homossexuais são, sem distinção,

² Sabe-se que a AIDS não leva a morte, mas ataca o sistema imunológico do portador possibilitando que doenças oportunistas se instalem.

portadores de imunodeficiência precoce, daí porque teriam predisposição à AIDS e outras doenças venéreas. (TREVISAN, 1986, p. 260)

Foi também com discurso eivado de ódio que setores da imprensa propuseram uma “caça as bruxas”, principalmente contra os homossexuais, aproveitando o tom inflamando do discurso em defesa da moral e dos bons costumes, alguns jornalistas tentaram incutir na população, com algum êxito, uma cruzada contra aqueles que eles acreditavam que são os “principais transmissores” da AIDS:

Em Salvador, o diário A TARDE propõe, repetidamente, e em varias de suas colunas, o extermínio dos homossexuais – depois que seu secretário de redação proibiu, em portaria expressa, noticiar qualquer evento relativo aos movimentos gueis de liberação. A proposito da AIDS, um colunista de A TARDE diz: “Quando houve a *peste suína* no Brasil, a solução foi a erradicação completa dos porcos ameaçados de contágio. Portanto, a solução tem que ser a mesma: erradicação dos elementos que podem transmitir a peste guei”. Na coluna de José Augusto Bebert, líder do Grupo Machão, (...) comunica-se que “matar veados não é homicídio, é caçada...”. (TREVISAN, 1986, p. 262)

As violentas investidas contra a comunidade gay não ficaram somente no campo do discurso, vários homossexuais foram vítimas de perseguição, muitos tiveram atendimento recusado em diversos tipos de serviços, além dos que sofreram ameaças e violência física. Trevisan (1986) afirma que na periferia da cidade de São Paulo houve caso de agressão a homens gays quando se desconfiava que os mesmos tivessem AIDS; relata também que em determinadas farmácias, funcionários se recusaram a aplicar injeções em pacientes “homens afeminados”, assim como dentistas na cidade de Santos de recusaram a atender pacientes homossexuais e hemofílicos. Há registros de que, em Serra Pelada, 80 garimpeiros considerados homossexuais tiveram seus cabelos e sobrancelhas raspados, foram retirados à força do local, colocados em um caminhão e, posteriormente, abandonados em plena Transamazônica.

II

Em paralelo à epidemia do HIV/AIDS, avançou também a “epidemia discursiva” sobre o tema. Seja nas principais revistas semanais de circulação nacional, seja nos livros de conteúdo basicamente autobiográfico, a doença foi assunto da principal importância desde o início do decênio de 1980. Sobre as revistas, Marcelo Secron Bessa afirma que a “Veja” e a “IstoÉ”, principalmente,

Começaram a dar ao público, a partir de meados da década de 80, as histórias de pessoas com AIDS. Em um momento em que poucos conheciam alguém com AIDS, essas reportagens vieram, como diria Herbert Daniel, difundir “notícias do outro lado” e apresentar a “cara da AIDS”, personificada, posteriormente, pelo cantor Cazuza. Frequentemente elaboradas com fortes tintas melodramáticas e com um andamento romanesco explícito, essas reportagens podem ser lidas e interpretadas como capítulos, espalhados em um longo período de tempo, de um grande “romance da AIDS”, cujas personagens bem delineadas, costumeiramente, se dividem em vítimas, vilões e mocinhos. (BESSA, 2002, p. 11-12)

É importante salientar, na afirmativa do autor, o caráter oportunista destas publicações. Motivadas pelo retorno das vendas, estes veículos exploravam o drama humano de forma sensacionalista e folhetinesca. Mesmo não estando doentes, muitos artistas foram apontados como se estivessem, muitos sofreram com os boatos e com as acusações que vinham, como a maioria dos boatos, não se sabe de onde e eram replicados em jornais e revistas, quando não eram criadas no seio das redações de revistas e jornais muitas vezes ditos “respeitáveis”. A intensão dessas revistas era promover o *outing*, principalmente das celebridades, obrigando-as a assumir a condição de portadores de HIV ou, pelo menos, negar a informação; o que importava era tirar as pessoas do silêncio e com isso criar repercussão para o veículo. Como a maioria dessas publicações visam basicamente o lucro a todo custo, não é surpresa que do mesmo modo que acusam e levantam suspeitas, dão às vítimas desses boatos algum espaço para se defender das acusações e “provar” que não estão com AIDS.

Nas bancas, grandes cartazes da revista “Capricho” anunciam: “Cauby Peixoto desabafa: ‘Não estou com Aids’” – o que equivale a um comunicado público [depois de sofrer inúmeros boatos], reafirmando virilidades periclitantes. É verdade que essa necessidade de “apresentar provas” é imposta inclusive por uma central de boatos – num novo tipo de cobrança. (...) Também a atriz Natália do Vale vem enfrentando, há meses, a mesma onda de boatos, desta vez afirmando que ela se encontra secretamente hospitalizada com Aids. Já no caso do pintor Darcy Peteadó, foi quase maquiavélica a sutileza com que a revista *Veja* sugeriu o fato: ele estaria recluso em sua casa de praia, muito deprimido e doente, escrevendo um livro sobre Aids. (...) Pelo sim pelo não, um jornal precisou publicar uma foto de Darcy sorridente, para provar que está creio de saúde. (TREVISAN, 1986, p. 265)

A face da “epidemia discursiva”, nos primórdios, mostra o caráter de preconceito e intolerância de um discurso que tentou fazer-se médico. Era, para Bessa (2002), uma

“paraliteratura médica” (tentativa, por partes de alguns jornalistas, de escrever textos científicos) que se apressou por edificar uma marca para a AIDS. Como ainda afirma o autor:

Desde o início, todas as informações, sobre essa doença, quase sempre de intolerância travestida de ciências, chegavam rapidamente ao Brasil. À semelhança de *Crônica de uma morte anunciada*, de Gabriel García Márquez, todos já sabiam *quem* iria morrer e *como*, só não sabiam quando – e essa era a grande expectativa. Esse *quem*, entretanto, não é um indivíduo, mas indivíduos metamorfoseados em uma estranha personagem: o homossexual. (BESSA, 1997, p. 52)

As formas como ficou conhecida a AIDS nos primórdios da epidemia (peste gay, câncer gay, praga gay) estão diretamente relacionadas à pressa com a qual os discursos médicos se esforçaram para acusar os homossexuais pela propagação da doença. Vasta gama de discursos pseudocientíficos emergiram no período, cientistas considerados, até então, sérios expuseram em artigos, entrevistas e pronunciamentos farta quantidade de impropérios e inverdades sobre as formas de contágio, as causas, as vítimas e a origem do HIV.

A mais persistente inverdade sobre a doença foi em relação às vítimas. Durou muito a ideia de que a doença era exclusiva dos homossexuais e que estes estavam em um grupo de risco. É raro, porém, ainda é possível encontrar nos dias atuais quem pense que a homossexualidade está diretamente relacionada à AIDS e que esta é um castigo dirigido àquela. Esse pensamento que concebe a doença como um flagelo, direcionado a um grupo específico com intuito de puni-lo é devidamente explorado por Susan Sontag no livro *AIDS e suas metáforas*, de 1989.

O surgimento de uma nova epidemia catastrófica, quando há várias décadas se afirma com segurança que tais calamidades eram coisas do passado, por si só não bastaria para a exploração moralista de uma epidemia como “peste”. Isso só poderia ocorrer com uma doença epidêmica cujo meio de transmissão mais comum fosse o ato sexual. (SONTAG, 1989, p. 72)

Para Trevisan (1986), a AIDS, principalmente associada à homofobia, foi usada para reforçar sistemas ameaçados, como o núcleo familiar monogâmico. As prescrições morais são, nesse caso, legitimadas na esfera dos discursos sobre saúde. Se o período de disseminação da sífilis no continente europeu teve como resultado direto repressão às práticas de masturbação, não é tão difícil entender o terror ao toque durante o período

culminante de epidemia de AIDS.

Por tudo exposto até aqui, não se pode conceber a AIDS somente a partir do campo biomédico, ela causou desdobramentos que repercutem ainda no comportamento social, na literatura e na arte de forma geral. Por isso, não é possível abordar a doença deslocada do seu contexto de surgimento e da repercussão gerada nos anos em que se tornou uma epidemia global. É nessa repercussão, principalmente em resposta aos discursos irresponsáveis provenientes dela, que a escrita da AIDS se situa e, é em Caio Fernando Abreu que ela tem sua principal voz.

III

Caio Fernando Loureiro de Abreu nasceu no dia 12 de setembro de 1948, no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Santiago do Boqueirão – cidade do interior relativamente próxima à fronteira com a Argentina. Em 1966, aos dezoito anos, publicou o primeiro conto – “O príncipe sapo” – e também o primeiro romance, *Limites Brancos*. No ano seguinte, inicia os cursos de Letras e de Artes cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cursos que abandonou em 1968, quando mudou-se para São Paulo depois de vencer um concurso para repórter da revista “Veja”. Em 1971, Caio Fernando Abreu mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a trabalhar como pesquisador e redator das revistas “Manchete” e “Pais e Filhos”. O ano de 1978 foi marcado pela volta definitiva de Caio Fernando Abreu para São Paulo. Neste ano continuou o trabalho como redator, agora da revista Pop, ao passo que participava de diversas antologias e ganhava diversos prêmios pelas obras literárias. Em 1982, foi lançado *Morangos Mofados*, seu livro mais celebre. Em 1985, ganhou o Prêmio Jabuti com *Triângulo das Águas*.

Entre os principais assuntos dos contos de Caio Fernando Abreu, além da AIDS, destacam-se a solidão das grandes metrópoles, o medo, a morte, a descoberta e o uso da sexualidade, os encontros e desencontros amorosos e outros assuntos. Para Bessa (2002), a obra de Abreu está dividida em dois momentos, antes e depois da AIDS. Enquanto alguns contos estão situados, pelo menos ficcionalmente, antes da epidemia, com isso estabelecendo formas de contato mais livres entre os personagens e sem a preocupação que o contágio pelo HIV causou, outros estão situados ficcionalmente dentro do período sombrio que se estabeleceu nos anos seguintes aos primeiros casos de

AIDS. Se as personagens dos contos anteriores à epidemia matinha relações sexuais, quase sempre, sem a preocupação do uso de preservativo, ou exploravam sua sexualidade de forma mais ampla (sendo essa exploração solar, positiva, sem medo), as personagens dos contos posteriores à epidemia estão sempre com medo do contágio, evitam qualquer contato íntimo com receio de contrair a doença e, quando essa regra não é obedecida, elas sofrem com os desdobramentos que advém desse comportamento (sendo o principal deles contrair AIDS).

Outra característica da escrita da AIDS na obra de Caio Fernando Abreu é a não nomeação da doença, são poucas as vezes que a sigla AIDS é usada pelo autor. Segundo Bessa (2002, p. 113) "a ficção de Caio [Fernando Abreu] sobre a AIDS definitivamente não é *clara*. Há uma economia do uso das siglas HIV e AIDS, em uma narrativa geralmente truncada, simbólica ou subentendida para tematizar a epidemia." A percepção do tema nos seus textos se faz pela observação atenta que o leitor precisa ter para perceber a temática, com isso, o texto se mostra como exercício de atenção na tentativa de depreender elementos para ser possível observar a escrita da AIDS. Essa não nomeação mostra também a tentativa do autor em estabelecer outras possibilidades de discurso, diferentes das usadas pela mídia para falar da epidemia.

A contística de Caio Fernando Abreu se mostrou a parte mais relevante de sua obra. Apesar de ter escrito romances, poemas, novelas, crônicas, dramaturgia entre outros gêneros, foi com os contos que ele conseguiu solidificar sua importância no cenário da literatura brasileira, assim como dar vazão a uma gama de temáticas relevantes. É ponto pacífico entre diversos estudiosos do autor que, ao lado das correspondências, é nos contos que ele melhor consegue mostrar seu estilo e sua potência literária. Há, na obra de Abreu, número predominante de livros de contos, mais de oito (entre os quais: *Inventário do Irremediável*, 1970; *O Ovo Apunhalado*, 1975; *Pedras de Calcutá*, 1977; *Morangos Mofados*, 1982; *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*, 1988; *Mel e Girassóis*, 1988; *Ovelhas Negras*, 1995; *Estranhos Estrangeiros*, 1996), enquanto possui apenas dois romances (*Limite Branco*, 1966; *Onde Andará Dulce Veiga?*, 1990).

Como a proposta deste trabalho é tratar a temática de forma introdutória e não haveria possibilidade de trabalhar toda a contística do autor. Foram escolhidos os contos mais significativos e com eles foram feitas análises preliminares que buscam localizar

referências à AIDS nessas narrativas. Foram utilizadas duas coletâneas de contos: *Os Dragões não conhecem o paraíso* e *Ovelhas negras*. Do primeiro livro foram observadas referências à AIDS nos contos "Linda, uma história horrível" e "Os sapatinhos vermelhos". De *Ovelhas Negras* foram analisados os contos "Noites de Santa Tereza" e Depois de Agosto.

IV

"Linda, uma história horrível", primeiro conto de *Os Dragões Não Conhecem o Paraíso*, narra a história da volta de um homem beirando os quarenta anos à cidade natal para rever a mãe e contar algo importante. A mãe, velha e amarga, mora numa casa velha e em processo de deterioração, vive na casa com uma cadela, também bastante velha, quase cega, chamada Linda.

Há, no conto, um tom mórbido, que é reforçado pelo espaço deteriorado onde as ações acontecem, essas marcas aparecem de forma bastante detalhada nos objetos e partes da casa: "tapete gasto", "paredes da cozinha manchadas de gordura", "vidro quebrado na pequena janela do basculante", "cadeira de plástico rasgado", "xícara com nódoa escura no fundo e bordas lascadas" (ABREU, 2010).

Fernando Oliveira Mendes (1998) chama a atenção para a não nomeação da doença ao afirma que "apesar da sigla AIDS não ser sequer mencionada (...) o narrador vai nos dando informações sobre a debilidade de saúde do protagonista". É por meio da sintomatologia que é mostrado que o protagonista está, possivelmente, infectado pelo HIV. É a mãe do protagonista que observa os sintomas mais aparentes que o filho apresenta – a magreza, "Tu está mais magro. (...) Muito mais magro" (ABREU, 2010, p. 15); a tosse persistente, "E essa tosse de cachorro?" (ABREU, 2010, p. 15); a perda de cabelo, "Perdeu cabelo, meu filho" (ABREU, 2010, p. 15) –, e vai aos poucos montando um retrato a partir dos sintomas da doença que observa no filho.

Quando se vê sozinho, após a mãe ir dormir, o protagonista anda sem rumo pela sala da casa. Nesse momento, se vê no espelho e se percebe, não como um homem, mas como uma parte do homem que foi outrora. A referência ao espelho, bastante explorada na literatura, quer mostrar não somente a aparência física do personagem, mas algo que está na sua essência, a doença, a fraqueza, a vergonha e, principalmente, o medo da morte.

Ele abriu os olhos. Como depois de uma vertigem, percebeu-se a olhar fixamente para o grande espelho da sala. No fundo do espelho na parede da sala de uma casa antiga, numa cidade provinciana, localizou a sombra de um homem magro demais, cabelos quase raspados, olhos assustados feito os de uma criança (ABREU, 2010, p. 19-20).

É no momento seguinte ao qual se vê no espelho que o leitor tem certeza da condição soropositiva do protagonista. Se antes, foi a mãe que observara os sintomas mais visíveis da provável doença que o filho adquirira, agora o próprio personagem exhibe os sintomas: o Sarcoma de Kaposi e o inchaço dos gânglios linfáticos do pescoço.

Acendeu a luz do abajur, para que a sala ficasse mais clara quando, sem camisa, começou a acariciar as manchas púrpura, da cor antiga do tapete na escada — agora, que cor? —, espalhadas embaixo dos pelos do peito. Na ponta dos dedos, tocou o pescoço. Do lado direito, inclinando a cabeça, como se apalpassem uma semente no escuro. (ABREU, 2010, p. 20)

Entre os três personagens — a mãe, o filho e a cachorra Linda — há um ponto de intersecção: a morte iminente. Eles estão no fim da vida: a mãe e a cadela pela velhice e o protagonista pela doença mortal que é portador. A ideia de finitude é reforçada tanto pelo aspecto da casa quanto pelas histórias que a mãe conta. Ela narra fatos relacionados às mortes de pessoas próximas e chama a atenção ainda para o que diz ser uma maldição que a família carrega: a de sempre morrerem sozinhos: "É sina (...). Tua avó morreu só. Teu avô morreu só. Teu pai morreu só, lembra? Naquele fim de semana que eu fui pra praia. Ele tinha horror do mar" (ABREU, 2010, p. 13).

O final do conto é marcado por duas referências à cachorra linda. Na primeira, o narrador traça um ponto de intersecção entre o tapete gasto da escada, as manchas (Sarcoma de Kaposi) que o protagonista tem no peito e as manchas da cadela, as três coisas possuem a mesma cor e estão no fim da existência. A outra referência é feita pelo protagonista, que passando a mão sobre o pelo da cadela, sussurra o quanto ela é linda. Essa marca enaltece um padrão de beleza deslocado da realidade social, porém absolutamente possível no ambiente deteriorado e ao mesmo tempo afetivo onde ele se encontra.

"Os sapatinhos vermelhos" é o sétimo conto de *Os Dragões não Conhecem o Paraíso*. Em terceira pessoa, narra a história de Adelina (Gilda). A personagem é uma mulher solitária de quase quarenta anos que um relacionamento com um homem casado por mais de cinco e, quando o caso amoroso termina, resolve aventurar-se numa boate a

procura de satisfação sexual na véspera de sexta-feira santa. Para Bessa (2002), o conto é uma “versão hard-core da história de Andersen”, inclusive há uma epígrafe do texto original no texto homônimo de Caio Fernando Abreu.

O comportamento da personagem é de risco para infecção por HIV. Na sua busca por prazer, ela se expõe ao possível contágio, mantendo relações sexuais casuais com vários homens desconhecidos ao mesmo tempo, sem se preocupar com o uso de preservativos, “[...] não era mais Gilda, nem Adelina nem nada. Era um corpo sem nome, varado de prazer, coberto de marcas de dente e unhas, lanhado dos tocos das barbas amanhecidas, lambuzada de leite sem dono dos machos da rua” (ABREU, 2002, P. 91).

Somente nas últimas linhas do texto é que o narrador insinua que a protagonista se infectou com o vírus da AIDS. Em frase não terminada informa sobre a sintomatologia que a personagem apresenta, “as varizes começaram a engrossar, escalando as coxas, e o médico então apalpou-a nas virilhas e depois avisou quê” (ABREU, 2010, p. 95).

O toque médico indica, segundo Bessa (2002, p. 122), “um aumento dos gânglios, que seria um indicativo de uma provável infecção pelo HIV”. Sontag (1989, p. 30) afirma que “a AIDS não é uma doença misteriosa que escolhes suas vítimas de modo aparentemente aleatório”. A infecção da protagonista de “Os sapatinhos vermelhos” mostra-se diretamente relacionada ao comportamento de risco, à exposição ao possível contágio.

É também pelos sintomas que apresenta que a protagonista de “Noites de Santa Tereza”, do livro *Ovelhas Negras*, insinua que pode estar com AIDS. Neste conto, que guarda várias semelhanças com a narrativa protagonizada por Adelina, a personagem lança-se em movimentada vida sexual, assumindo com isto as possíveis consequências do comportamento de risco ao qual se expõe. A personagem, inclusive, explicita a falta de uso de preservativo durante ato sexual casual:

Carpinteiros, ergam bem alto o pau da cumeeira! grito rindo arreganhada enquanto molho lençóis e mordo fronhas e teu leite grosso escapa de dentro de mim para melar coxas e pentelhos. Enxugamos os gozos em papel higiênico cor-de-rosa e voltas a me chamar de senhora [...]. (ABREU, 2002, p. 150)

Assim com em “Os sapatinhos vermelhos”, a protagonista apresenta sintomatologia que pode indicar a infecção por HIV. Há o aparecimento de gânglios,

relacionados a outros sintomas, “Uns gânglios, umas fraquezas, sapinhos na boca toda, será?” (ABREU, 2002, p. 153). Além disso, há a dúvida em relação à possibilidade de estar com uma doença que não é nomeada, porém se apresenta como uma condenação à morte, “Tenho lido coisas por aí, dizem, sei lá. Não duro muito, acho” (ABREU, 2002, p. 153).

“Depois de agosto”, do livro *Ovelhas Negras*, talvez seja o conto de Caio Fernando Abreu onde a AIDS aparece de forma mais explícita. Já o subtítulo indica que se trata de “Uma história positiva”. A narrativa apresenta aspectos autoficcionais, o protagonista está saindo de um hospital que fica na Avenida Arnaldo, assim como Caio Fernando Abreu também passou por período de internamento no Hospital Emílio Ribas³, que se situa na mesma avenida, Jeanne Callegari (2008, p. 170), em biografia sobre o autor, chama atenção para o fato, “Caio ficou 27 dias internado no Emílio Ribas”.

Outra relação entre a vida do autor e a narrativa se refere ao fato de a *Primeira carta para além dos muros*, crônica que ele escreveu revelando que era soropositivo, foi lançada no dia 21 de agosto de 1994. Depois daquele momento a vida do autor mudaria por completo e ele passaria pela experiência de viver com HIV, assim como o protagonista do conto.

Como de costume, as referências à AIDS são poucas e indiretas, é por aspectos externos do personagem que é possível identificar que ele tem a doença, “os [cabelos] dele tinham ficado ralos desde agosto” (ABREU, 2002, p. 229). A referência mais direta à AIDS acontece quando, em digressão, o narrador cita palavras do universo dos personagens, “Retrovírus, Plutão em Sagitário, alcaçuz, zidovudina e Rá” (ABREU, 2008, p. 234). Como se sabe, o HIV é um retrovírus, ou seja, um vírus que trafega no “sentido contrário”. São capazes de transmitir informação do RNA para o DNA, sendo que normalmente acontece o contrário, o DNA transmite informação para o RNA. Outro elemento de destaque na citação acima é a zidovudina, principal droga antirretroviral usada no tratamento contra a AIDS.

O que diferencia “Depois de agosto” dos outros contos de Caio Fernando Abreu sobre a AIDS é a possibilidade de viver com a doença. Mesmo ela ainda aparecendo como uma sentença de morte, “aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina”

³ A nomenclatura atual é Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

(ABREU, 2002, p. 232), a referência à principal droga para tratamento da doença, indica uma sobrevivência, inclusive com possibilidades de estabelecimento de relações amorosas. Há, por isso, um fio de esperança no conto, principalmente em relações às outras narrativas do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de esgotar o tema, esse trabalho buscou trazer uma discussão preliminar sobre a Escrita da AIDS na contística de Caio Fernando Abreu. É possível perceber que o período em que a AIDS foi identificada marcou o refreamento dos movimentos de contracultura que se desdobravam no final da década de 1970. Em especial, o movimento LGBT foi duramente golpeado, visto que a AIDS foi erroneamente relacionada aos homossexuais e, a partir daí, esse grupo passou a sofrer vários ataques vindos de diversas partes.

Parte desses ataques vieram dos meios de comunicação, marcando o que se pode chamar de “epidemia discursiva” sobre a AIDS, ou como preferem outros “terceira epidemia”. Como desdobramento dessa epidemia discursiva, a literatura passou a também incluir a doença no seu rol de temas, passando a registrar o que aqui se chamou de escrita da AIDS.

Entre os autores que trabalharam com a temática, Caio Fernando Abreu foi o que melhor soube apresentar acabamento literário para a AIDS. Por isso, o autor é o principal representante do tema na literatura brasileira. Ele foi também o primeiro autor brasileiro que falou sobre a doença nas suas narrativas. Mesmo não citando nominalmente a doença, as suas narrativas apresentam vastas referências sobre ela.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. Os Dragões Não Conhecem o Paraíso. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. Ovelhas Negras. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. Triângulo das Águas. Porto Alegre: L&PM, 2010.

BESSA, Marcelo Secron. Histórias Positivas: a literatura (des)construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. Os Perigosos: autobiografia & AIDS. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

CALLEGARI, Jeanne. Caio Fernando Abreu: inventário de um escritor irremediável. São Paulo: Seoman, 2008.

MENDES, Fernando Oliveira. Linda, uma história horrível: a literatura encontra o vírus da AIDS. Itinerário – Revista de Literatura, Araraquara, n. 13, jul. 1998. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2858/2624>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

PERLONGHER, Néstor. O que é AIDS. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SONTAG, Susan. AIDS e Suas Metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. São Paulo: Max Limonad, 1986.